



Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na despedida do ex-secretário de Imprensa e Porta-Voz, André Singer

Palácio do Planalto, 02 de maio de 2007

Companheiros e companheiras,

Isso aqui não é uma festa. Isso aqui é o seguinte: o nosso querido companheiro André Singer está nos deixando hoje, dia 2 de maio. O André, desde o mês de novembro do ano passado, vem se preparando, com a disposição dele, para tentar novas coisas e um novo caminho, e nos deixa a partir de hoje. Nos deixa, eu diria, em parte, porque eu ainda vou sugerir para o André uma outra tarefa, talvez tão nobre ou mais nobre que a tarefa que ele exerceu até agora, seja no primeiro momento como porta-voz, seja no segundo momento como o nosso secretário de Comunicação.

Você sabe que é difícil falar bem das pessoas na saída. Na entrada é mais fácil, na saída é sempre muito difícil. Acho que todo mundo sabe que a minha relação com o André não é uma relação nova, é mais antiga ainda com o Paul Singer, o nosso querido Paul Singer, pai do André. O André foi convidado por mim para ser porta-voz. Ele que era uma figura muito importante na imprensa brasileira e na imprensa de São Paulo, que participou, muitas vezes, de almoços comigo, quando estava do lado de lá, na Folha de São Paulo. E o André, como a maioria de vocês que não é funcionário de carreira – são funcionários que vêm para cá quando o presidente convoca – faz parte daquele grupo que considero heróis brasileiros, ou seja, são pessoas que abdicam de uma vida profissional inteira dentro de uma empresa, ganhando, às vezes, um salário condizente com o cargo que exercem, e vêm para cá exercer um cargo muito mais importante por um salário bem menos importante. E vocês sabem que muitos de vocês às vezes quase pagam para trabalhar. Essa é a verdade do Brasil.



E o André, por essas razões que já expliquei, nos deixa. Mas eu queria aproveitar esse momento para agradecer ao companheiro André Singer. O André, eu acho que do ponto de vista profissional, do ponto de vista moral, do ponto de vista ético, quem o conhece sabe que é uma figura, eu diria, irretocável, não é intocável, é irretocável, porque o André, se não tivesse nascido, precisaria nascer uma pessoa com esse jeito de lorde inglês, muito refinado e muito requintado para os padrões... Até nem sei como é que ele entrou no PT, porque é até refinado demais para os nossos padrões. Isso demonstra que ele foi bem formado quando criança, não é Paul Singer? Foi bem-educado. E demonstra que não tem nada a ver a opção ideológica com o fino trato que um ser humano pode adquirir.

Então, este momento é apenas para agradecer ao André. Agradecer, André, por tudo o que você fez e também por tudo o que você não fez, porque tem chance de fazer ainda, afinal de contas, você é muito jovem. Eu, na verdade, já fiz uma insinuação para o André e fiz a mesma insinuação para o Fernando Haddad. É preciso saber se o André vai topar ou não. Obviamente que ele vai ter um tempo para pensar. Eu tenho um desejo, que já vem sendo, eu diria, pensado por mim: um país do tamanho do Brasil, com a importância do Brasil, com a grandeza do Brasil, nós falamos tanto em integração, e eu sinto que temos uma falha no nosso projeto de integração, Fernando, que passa pela educação. Nós somos um país em que o intercâmbio que temos de doutores e mestres com a América Latina está aquém do potencial que temos. A troca de experiência entre a nossa inteligência, muitas vezes, está muito aquém daquilo que pensam os dirigentes políticos. Nós temos um intercâmbio muito pequeno entre estudantes da América Latina e o Brasil. Em qualquer país europeu nós encontramos mais latino-americanos fazendo intercâmbio do que entre nós. Nós até temos uma experiência muito bem-sucedida com a África, mas também aquém daquilo que poderemos fazer nesse intercâmbio.



Eu penso também que nós já estamos trabalhando a idéia de fazer uma universidade latino-americana. É uma coisa em que venho pensando desde o começo do mandato. Isso já foi discutido, ainda na época do Cristóvam, na época do Tarso. Eu sei que o Fernando está pensando seriamente lá em Itaipu, de aproveitar espaços lá para criar, mas a minha idéia é criar uma coisa grande, porque não justifica um país do tamanho do Brasil não ter um centro universitário em que a gente possa receber jovens de todos os países da América Latina para, junto com os brasileiros, prepararem a nova América Latina, a nova América do Sul que nós queremos.

Eu já fiz essa proposta mais ou menos ao André, de ele pensar nesse assunto, já conversei mais ou menos com o Fernando Haddad, que é um entusiasta da idéia, de exercer uma espécie de cargo no Ministério da Educação, de uma assessoria internacional, pensando nessas coisas. Primeiro, para viajar muito a América Latina, discutindo essa questão educacional, depois pensando o que a gente pode fazer, já que somos tão importantes em tantas coisas. Ou seja, ter uma importância na América do Sul nessa questão internacional, fazendo com que o Brasil não apenas tenha uma inserção maior e seja referência para muita coisa na área da educação, mas uma referência construída para vários países, e não uma coisa, eu diria, com um toque imperialista, com um toque de um país hegemônico que pensa e se impõe aos outros. Não, é tentar construir uma coisa nova, conversando com os nossos parceiros, começando pelo Mercosul, porque ali é onde se pensa, já tem a tríplice fronteira que, de vez em quando, se inventa coisas sobre a tríplice fronteira, que ali é o eixo do mal, que ali tem “não sei o quê do mal”, que ali tem “não sei o quê lá”. Então, vamos fazer dali o eixo do bem, tentando fazer uma universidade que envolva vários países da América do Sul, começando pelo Mercosul. De uma vez só, começaremos atendendo o Paraguai, a Argentina e o Brasil, que estão aí, colados do ponto de vista territorial. Tem mais o Uruguai, que está encostado, e aí fica mais fácil trazer todo mundo para cá.



Então, André, não sei se você quer falar. Normalmente, as pessoas ficam emocionadas e não querem falar, mas, de qualquer forma, eu quero, não apenas em nome do governo, mas em meu nome pessoal, agradecer o tempo que passamos juntos no governo. Eu sei o que foram as alegrias e os sofrimentos que tivemos. Aliás, uma outra coisa que eu pedi para o André, foi que ele, como cientista político, começasse a pensar seriamente na produção de um livro, que não deve ter data para lançar, não deve ter imediatismo, mas uma coisa que fosse pensada cientificamente sobre a crise de 2005 e 2006. Ou seja, pensar como um todo o governo, mas fazer uma análise de fundo. Analisar desde o Presidente da República até os jornais, a televisão, as revistas, os deputados, senadores, o Brasil, você mesmo, que fazia parte do governo, se auto-analisar. Conversar com todo mundo, porque eu acho que é preciso que a nova geração conheça, com profundidade, o que aconteceu em 2005 e 2006, o que estava por trás disso, qual era a intenção e por que não aconteceu o que as pessoas pensavam que deveria acontecer. Aconteceu exatamente o contrário: nós continuamos aqui no governo para desgosto de alguns que não queriam que nós estivéssemos aqui.

Então, meus agradecimentos, André, de coração. Não tenho palavras para agradecer, a não ser um gesto carinhoso de dizer que, muito mais do que um assessor especial, do que um ministro, do que um secretário, você é um companheiro de todas as horas. E eu espero que a nossa amizade só aumente daqui para frente, quando você perceber que se livrar de mim é melhor do que estar junto comigo.

Então, de coração, muito obrigado, André, que Deus te ilumine nas próximas decisões, seja como professor da USP, seja para trabalhar com educação na América Latina, que Deus te abençoe e conte comigo. Continuarei sendo seu amigo, mais do que agora que você é meu assessor.

Um grande abraço, querido.